

LEI Nº 5.966, DE 19 DE JULHO DE 2004

**DÁ A DENOMINAÇÃO DE ESCRITOR
ROQUE CALLAGE A UM LOGRADOURO
PÚBLICO DO MUNICÍPIO.**

O **PREFEITO MUNICIPAL DO RIO GRANDE**, usando das atribuições que lhe confere a Lei Orgânica, em seu Art. 51, Inciso III,

Faz saber que a Câmara Municipal aprovou e ele sanciona a seguinte Lei:

Art. 1º - Fica denominado de Escritor Roque Callage um logradouro público do Município.

Art. 2º - Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Gabinete do Prefeito, 19 de julho de 2004.



FÁBIO DE OLIVEIRA BRANCO
Prefeito Municipal

cc: SMF/SMCP/ULT/UCU/PJ/CMRG/Publicação/Família



Estado do Rio Grande do Sul
CÂMARA MUNICIPAL DO RIO GRANDE

Of. n.º 727/04
Proc. n.º 874/04

Rio Grande, 28 de junho de 2004.

Senhor Prefeito,

Apraz-nos cumprimentá-lo oportunidade que encaminhamos a Vossa Excelência, Projeto de Lei em anexo, aprovado em sessão plenária realizada no dia de hoje, para sua devida apreciação.

Sendo o que tínhamos para o momento, aproveitamos o ensejo para renovar os protestos de elevada estima e distinta consideração.


Ver. Cláudio C. Diaz
Presidente

ANEXO: Dá a denominação de Escritor Roque Callage a um logradouro público do município.

Exmo. Sr.
Fábio de Oliveira Branco
Prefeito Municipal
Nesta



Estado do Rio Grande do Sul
CÂMARA MUNICIPAL DO RIO GRANDE

PROJETO DE LEI

**DÁ A DENOMINAÇÃO DE ESCRITOR ROQUE
CALLAGE A UM LOGRADOURO PÚBLICO DO
MUNICÍPIO.**

Art. 1º- Fica denominada de Escritor Roque Callage a um logradouro público do município.

Art. 2º- Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.



FLS. 02
[Handwritten signature]



ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
CÂMARA MUNICIPAL DO RIO GRANDE
PROJETO DE LEI – PLV 50 /2004

PROTOCOLADO SOB Nº 874 /2004

EM 04 06 / 04

			ATA
EXPEDIENTE	/	/2004	
ACEITO EM	/	/2004	
APROVADO EM	/	/2004	
REJEITADO EM	/	/2004	
ARQUIVO			

EMENTA:

Exmo. Sr. Presidente.

O Vereador abaixo assinado requer a V. Exa, após ouvida a casa, seja encaminhado o seguinte:

PROJETO DE LEI

“ Dá a denominação de Escritor Roque Callage, a um logradouro público do Município.

Artigo 1º - Fica denominado de Escritor Roque Callage, um logradouro público no Município.

Artigo 2º - Esta Lei entra em vigor na data sua publicação.

[Handwritten signature of Renatinho]

VER. RENATINHO

Líder do PPS

Sala das Sessões, 01 de Junho de 2004.

OBS. Em anexo cópia do currículum vitae e certidão de óbito.

VISTO Presidente

FIRMA
TARELLÃO PENAFETE
OUVIDOR, 58 - RIO

FLS. 03

M

REPÚBLICA BRASILEIRA



Certidão

O bacharel Julio Casado, official privativa da Registro Civil de nascimentos e obitos dos 1.º e 3.º districtos, 1.ª zona desta cidade de Porto Alegre, capital da Estado da Rio Grande do Sul,

Certifico, por me haver sido pedido verbalmente pela parte interessada que revendo neste cartorio o livro numero oito (C8) de registro de obitos, nele as folhas numeros cento e oitenta e oito verso (188v) a cento e oitenta e nove (189) encontrei o assentamento numero cinco mil oitocentos e trinta e oito (5.838) do teor seguinte: Aos vinte e três dias do mês de Maio do anno de mil novecentos e trinta e um (1931) nesta Cidade de Porto Alegre e cartorio do Registro Civil de nascimentos e

pl

obitos da primeira zona comparecem o Doutor Alexandre Alcaraz, e declarou: que no predio numero trescentos e noventa e três da rua primeiro de Março, falleceu hoje ás doze horas a pessoa do sexo masculino de sua amisade Roque Ballage, cõr branca, jornalista, natural deste Estado com quarenta e três annos de idade, casado no primeiro districto de São Gabriel com dona Annita Ballage, domiciliado e residente nesta cidade no mesmo predio acima declarado, filho legitimo de Luiz Ballage, commercio, natural da Italia e de Maria Ballage, de serviços domesticos, natural deste Estado, residentes no mesmo predio; não deixar.

deixando bens, tendo deixado os seguintes filhos: Alcides e Carlos Ballage, com quatorze e doze annos respectivamente. Sendo o attestado firmado pelo doutor Ney Cabral, que deu como causa da morte: tuberculose pulmonar. O sepultamento será feito no Cemiterio da Santa Casa. Do que para constar lavrei este termo que lido e achado conforme assigna o declarante comungo Antonio Rodrigues Beirão, ajudante do official que o escrevi, e eu, Antenor Barcellos de Amorim, official, que subscrevi e assigno. Antenor Barcellos de Amorim. Alexandre Alcaraz. E nada mais continha no referido assentamento que aqui fica fielmente trans.

transcrito, de acordo com a
lei do registro civil. Eu, Julio
Carvalho, Oficial Privado, a quem
assigno, me reporto e dou fé 44.

Porto Alegre, 30 de Maio de 1946



Carvalho

Recbi-

Certidão - 124.000

Ruça - 104.000

Sellon - 24.200

R\$ 244.200 - vinte e quatro mil e duzentos

reis



Titular: Agostinho

FLS-07
pl



REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
REGISTRO CIVIL - SÃO GABRIEL - RS
CARMEN M. V. PEREIRA
Oficial
EDUARDO PEREIRA BITENCOURT
Oficial Apto



Certidão de Casamento

Certifico que, revendo em meu cartório, o livro nº B. -05, folhas 181v A 182, sob nº 20, de consta o assento de casamento de: "ROQUE CALLAGE E ANNITA BANALI"

☒ SOLTEIROS, DESTE ESTADO, RESIDENTES NESTA CIDADE. - - -

realizado em 08 de MAIO. - - - de 1913.

ELE, nascido NESTE ESTADO, COM 25 ANOS DE IDADE. - - -

- - - 88. dia. - - - de - - - de 19 - - -

filho de LUIS CALLAGE. - - -

E DE: MARIA CANDIDA CALLAGE. - - -

ELA, nascida NESTE ESTADO, COM 23 ANOS DE IDADE - - -

- - - no dia - - - de 19 - - -

filha de CRESTES BANALI - - -

E DE: JOSEFINA BANALI. - - -

A nubente passou a chamar-se "NÃO CONSTA NO TÊRMO". -

Observações - - -

- - -

- - -

NADA CONSTA

- - -

- - -

- - -

O referido é verdade e dou fé.

São Gabriel, 27 de ABRIL de 1912.



OFICIAL

FLS. 08


À Câmara Municipal de Vereadores do Rio Grande

Ao vereador Paulo Renato M. Gomes

Solicito através do presente projeto a inclusão do nome do escritor rio-grandense ROQUE CALLAGE em um dos bairros ou logradouros do município do Rio Grande. Este projeto está baseado em estudos realizados no curso de pós-graduação em *História da formação social, política e cultural do Rio Grande do Sul*, da Universidade Católica de Pelotas, sob o título "*A influência do escritor Roque Callage na Literatura Rio-grandense (1886-1931)*", o qual o mesmo obteve conceito máximo (A).

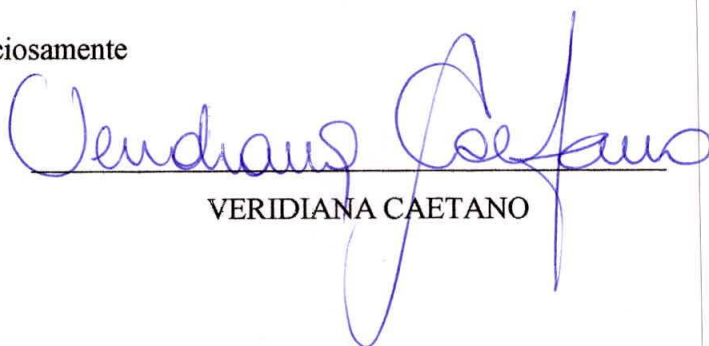
Roque Callage amou esta terra e fez desse amor a mola propulsora de sua vida. Vida que durou pouco, mas desse pouco, fez muito para o Rio Grande. Roque atravessou as fronteiras do Estado para levar seu pampa à sociedade em geral, pois sempre foi um de seus propósitos divulgar e apresentar sua terra natal. Apresentou seu Estado até mesmo em momentos revolucionários, como o caso da Revolução de 23, mas sempre deixando clara a potencialidade gaúcha de enfrentar os bons e maus períodos.

Constata-se, assim, a marcante influência da conjuntura republicana no contexto literário da obra callagiana. Retratando aspectos vivenciados por ele no respectivo confronto, mostra-se como uma fonte relevante no resgate historiográfico deste momento.

Também, sob o contexto da trajetória literária sul-rio-grandense, percebeu-se que Roque Callage representa um marco de enfatização das riquezas da terra gaúcha, interferindo em grande parte, na produção literária posterior.

Roque Callage, um escritor que viveu para e pelo Rio Grande, onde sua contribuição reside não só como fonte historiográfica, mas também, e sobretudo, como estímulo ao apego e admiração à identidade gaúcha.

Atenciosamente


VERIDIANA CAETANO

F-65.09
R

ROQUE CALLAGE: O ESCRITOR QUE FEZ DIFERENÇA NA LITERATURA RIO-GRANDENSE

Este trabalho é dedicado a uma das figuras mais importantes da Literatura Rio-Grandense. Almeja-se comprovar tal afirmativa através da vida e obra do autor, realizando breves análises de parte de suas obras e crônicas jornalísticas.

A literatura rio-grandense ganhou uma de suas maiores expressões literárias no dia 13 de dezembro de 1886¹, na cidade de Santa Maria, com o nascimento de Roque Callage. Filho do imigrante italiano Luis Callage e de Maria Cândida Leal de Oliveira.

Sua infância foi de grandes dificuldades, pois nascido em berço desprovido de recursos financeiros, teve de ingressar cedo no trabalho, e por isso, foi obrigado a abrir mão dos estudos, cursando apenas o primário.

A maestria com as letras lhe coube a partir do esforço, boa vontade e perseverança nas leituras que, conseqüentemente, o levaram até o autodidatismo. É interessante ressaltar que dentro da História da Literatura, tanto Universal como Brasileira, são grandes os exemplos de homens consagrados do mundo literário considerados autodidatas. Machado de Assis é um deles.

Roque Callage, mesmo tendo que enfrentar tantas barreiras foi um homem de garra, um lutador, como podemos constatar na declaração de seu irmão, o também escritor Fernando Callage:

... foi um infatigável lutador, desde muito cedo, saído do colégio, teve que lutar pela vida, ingressando no comércio. Por isso, sua

¹ Como já corrigiu a data do nascimento do autor Romeu Beltrão em Cronologia Histórica de Santa Maria, 2ª ed., do próprio autor.

PLS. 110
RP

adolescência foi marcada por uma tormentosa série de trabalhos e dissabores. Nesse tempo, - já trazia consigo os sintomas do mal que um dia havia de o vitimar.²

Ainda, esclarece Fernando, sobre a vida literária do irmão:

No comércio, como caixeiro de balcão, estudava com afinco. Enquanto os seus colegas nas horas de folga procuravam distrações, Roque comprava livros e fechava-se no seu quarto a ler, estudando até tardias horas da noite,, à luz mortiça de uma vela estearina. Fugia sempre de bailes, de quaisquer diversões que pudessem prejudicar o seu gosto pelo estudo. Era por temperamento avesso a qualquer manifestação de ruído, de alegria. Não podia estar parado cinco minutos sem nada ter que fazer. Quando não estudava, divertia-se colecionando selos, gosto este que se lhe prolongou pela existência a fora. Sua vida foi, em virtude disso, um drama silencioso de sofrimento.³

A apreciação pelo jornalismo teve como ponto inicial os jornais semanais “O Estudante” e “O Bohemio”. Posteriormente, prosseguiu no meio através de uma singela contribuição para “A Sogra”, semanário de cunho crítico de Alcides Ramos. Neste se pode ler inspirados versos resultantes do gênero literário em destaque entre a juventude da época, e “O Popular”, de Avelino Pereira, onde foram inúmeros os textos publicados, sempre com a marca do memorável mestre português Eça de Queirós, sendo que este lhe marcou a fase de produção literária da juventude. Residindo ainda em Santa Maria, ingressa na redação do jornal “O Estado”, dirigido pelo amigo Andrade Neves Neto.⁴

O brilhantismo de Roque foi mais uma vez evidenciado no ano de 1907, com a abertura em Santa Maria, do Colégio Ítalo-Brasileiro, por Umberto Ancaram, agente

² CALLAGE, Fernando. apud. MACHADO, Propício da. Roque Callage: Vida, Obra e Antologia. Porto Alegre. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Comissão Executiva para as Comemorações do Centenário da Imigração Italiana, 1975, p. 34.

³ Idem notar anterior.

⁴ Joaquim Andrade Neves foi escritor, advogado e jornalista e grande amigo de Roque Callage, além de ser figura cultural importantíssima para Santa Maria.

FCS-13
R

Em *Terra Gaúcha*, o autor nos demonstra a vida campeira no início do século vinte, passando-nos toda a imagem fiel e precisa do pampa e do homem rio-grandense. Constata-se a partir da breve análise dos contos *Pessimismo de Guasca* e *Civilização*, os dramas gerados nos personagens pela transformação do campo e o progresso da colônia, como pode se observar:

Com o novo ramal da Viação Férrea, cortando agora a larga extensão do município, em demanda das novas linhas que patiam para a fronteira sulina, (...)

*Depois que começou a vertigem dos trens foi um abandono tudo, um grande baque no seu incerto ideal de grandeza futura... Apenas revia os belos tempos perdidos, a mocidade que fugira, viagens e viagens...*¹⁰

É possível perceber também, na obra de Roque, uma discreta análise psicológica por parte do autor para com suas personagens como no exemplo:

*Uma saudade punha em cada queda da habitação moribunda. Isidro deixou-se ficar, preso, demoradamente, no seio anônimo daquelas ruínas, falando com elas, vivendo pelo reateamento das lembranças, na mesma dor, no mesmo abalo doloroso.*¹¹

Os últimos acontecimentos importantes para Roque, na cidade de São Gabriel, foram assumir a direção de jornal "*Diário da Tarde*", onde permaneceu até 1916, e o matrimônio com "Anita Banalli". Ainda, neste mesmo ano, o autor se transfere para Porto Alegre, enquanto sua família permaneceria em São Gabriel.

Posteriormente, segue para o Rio de Janeiro a convite de Alcides Maya, onde este o insere no jornalismo. Esse acontecimento lhe presenteou com muitas amizades influentes no meio jornalístico daquela cidade.

¹⁰ CALLAGE, Roque. *Civilização*. In. *Terra Gaúcha: cenas da vida Rio-Grandense*. (Org.) José Newton Cardoso Marchiori. Santa Maria: Ed. UFSM, 2000. pp. 48-9.

¹¹ Idem, p. 70.

"O Combatente" era o nome do jornal dirigido pelo poeta Manoel do Carmo, este foi o último trabalho do autor em sua terra natal. Durante esse período conheceu um dos grandes estimuladores de sua obra literária, Marcelo da Gama. A partir daí Callage vai se afastando - em etapas progressivas - da influência que o autor português Eça de Queirós exercia sobre suas produções.

Sua segunda obra chega no ano de 1910, chama-se *Escombros*; desta vez Roque agradou a crítica, mas mesmo assim continuou "*um escritor romântico, que ainda não achara um caminho definitivo*"⁸.

Passados alguns anos, Roque transfere-se de Santa Maria para São Gabriel, onde assume a função de jornalista nas redações de "*A Tribuna*", "*O Comércio*" e "*O Diário da Tarde*". Essa mudança lhe deu a chance de aprofundar-se na cultura rio-grandense, entrando assim em contato com tropeiros, peões de estância e até mesmo participando de rodas ao pé do fogo dos galpões.

Seu círculo de amizades na nova terra, fica maior e mais culto com a presença de Alcides Maya, que proporcionou ao autor um redirecionamento na sua produção literária. É publicado então *Terra Gaúcha* (1914), onde surge um Callage maduro, um descritivista do pampa gaúcho, embora não fosse resultado de uma tendência pessoal, mas antes, um modismo da época. O Rio Grande, marginalizado do resto do País pela política do "Café com leite", onde se via no regionalismo uma forma de auto-afirmação. Assim, o autor consagra-se como Regionalista. Conforme referenda a citação a seguir:

*Terminara-se o combate de Ponche Verde, onde as hostes heróicas da cavalaria de Canabarro, depois de um encontro violento, a cargas de lança e fogo, cantaram vitória sobre as forças legalistas ao mando de Bento Manuel, o valente guerreiro bandeador que tanta perseguição deitara à república constituída de Piratini.*⁹

⁸ CALLAGE, Roque. *Terra Gaúcha: cenas da vida Rio-grandense*. (Org.) José Newton Cardoso Marchiori. Santa Maria: Ed. UFSM, 2000, p. 12.

⁹ Idem, p. 24.

FLS. 14
R

Seu convívio com a sociedade carioca, após dois anos, lhe foi tirado com a dramática notícia do falecimento de seu filho primogênito Paulo. Desse infortúnio surge a dor e a saudade de um pai privado pela morte do filho amado, neste contexto, em apenas dois dias, Callage produz três sonetos *Anita*, *Sofrer insano* e *Amargura*. Abaixo, segue transcrito o soneto *Amargura*:

*Entre ditosas ilusões erguemos
Nosso ninho de amor, - risonho altar,
E desse amor, o fruto que tivemos
Veio depois a morte arrebatá-lo!*

*Longe de ti, nem lágrimas podemos
Em amargo consórcio derramar,
Lamentando o filhinho que perdemos,
Que de encantos enchia nosso lar!*

*Hoje, meu pobre coração, enfermo,
Na solidão vazia do meu ermo
Assim, sozinho triste, abandonado,*

*Vive ligado à dor, saudosa ausente,
Lembrando nas agruras do presente
As horas venturosas do passado.¹²*

É importante esclarecer que Roque, mesmo sendo privado do convívio do filho mais velho, ainda daria continuidade a paternidade com Alcides e Carlos Orestes Callage.

A partir desse acontecimento dramático, Roque deixa o Rio de Janeiro e retorna ao Rio Grande tão amado, abandonando sua vida profissional, mas levando em sua bagagem jornalística, a experiência de trabalhar nas redações dos jornais “*A Noite*”, “*Gazeta de Notícias*” e “*A Tribuna*”. Fecha-se então um ciclo importante na vida do autor, período este repleto de reconhecimento e prestígio, contribuindo assim, para elevar o nível cultural de seu Estado.

¹² CALLGE, Roque. apud MACHADO, Propício da. Roque Callage: Vida, Obra e Antologia. Porto Alegre. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Comissão Executiva para as Comemorações do Centenário da Imigração Italiana, 1975, p. 60.

FCS-16
R

Meu pai esteve a frente das operações da Revolução, por correspondente do Correio do Povo. Ali escreveu o livro Dramas Coxilhas, com o subtítulo de Episódios da Revolução Rio-Grandense de 1923.¹⁵

Tal obra reúne episódios reais da revolução de 23, os contos são repletos de cenas trágicas que revelam o barbarismo sem freios de tal acontecimento. A terra gaúcha foi encharcada com o sangue de seus filhos, são descritas cenas de ódio e selvageria, como fica explícito em trechos da obra:

Nenhum só homem escapou! Por ordem do general commandante, num gesto de odio incontido tomara-se uma medida formal afim de evitar o incommodo de conduzir prisioneiros: todos elles, sem excepção de um só, foram degolados, passados á faca!...
- O inimigo não se poupa.
Era o lemma terrivel da época.¹⁶

Roque foi de total perspicácia em seu relato, o que comprova o dantesco horror de uma revolução, como no relato a seguir:

Um a um, dias depois, baixaram os corvos para o repasto Que offerecia o combatente insepulto. Eram amontoados de sombras negras e sinistras, precipitando-se por sobre o cadaver, destruindo a bicadas o corpo que se putrefazia ao sol, sobre a terra que fora seu berço e o seu tumulo.¹⁷

¹⁵ Trecho da carta enviada a autora desta monografia em 10.10.2002.

¹⁶ CALLAGE, Roque. Boi Preto. In: O Drama das Coxilhas. São Paulo. Monteiro Lobato & Co. – Editores, 1923. p. 38.

¹⁷ CALLAGE, Roque. Aos corvos! In: O Drama das Coxilhas. São Paulo: Monteiro Lobato & Co. – Editores, 1923, p. 92.

terra que tanto amava e deixou aqueles amigos que tanto o amaram. Walter Spalding se refere ao fato poeticamente:

*Chovia torrencialmente. Eram as lágrimas que a natureza Gaúcha – natureza que ele tanto amou, - derramava, saudosa, sobre o túmulo daquele que tanto a decantara em seus contos.*¹⁹

Carlos O. Callage desabafa com emoção ao lembrar a morte do pai:

*Ah, se a asma não roubasse prematuramente do meu convívio essa fascinante figura, morreu com 43 anos apenas. Tenho certeza: - ele tinha muito a dar ao filho, principalmente a sua experiência e sensibilidade. Perdi, com a morte, um tesouro de ordem intelectual, que não se acha muito facilmente, pois para obtê-la há diversos fatores que se conjugam...*²⁰

O Rio Grande do Sul não esqueceu seu filho pródigo, pois no ano posterior a sua morte, um grupo de amigos lhe prestou uma homenagem, lançaram o livro *Roque Callage, homenagem que lhe presta um grupo de amigos ao comemorar-se o primeiro aniversário de sua morte*. Toda a saudade e apreço pelo amigo está contida na primeira página da obra, transcrita a seguir:

In Memoriam

*Esta homenagem dispensa quaesquer explicações, tal a deslumbrante evidencia da sua justiça: Roque Callage, o admirável paizagista da sua terra, que elle amou e celebrou nos seus valores mais puros e tradicionaes, tudo merece do Rio Grande do Sul. Nós, amigos de Roque Callage, no 1º aniversario de seu desaparecimento, resolvemos reunir em volume tudo quanto a imprensa brasileira disse do illustre escriptor...*²¹

¹⁹ Idem. 19. p. 251.

²⁰ Trecho de carta enviada a autora desta monografia Veridiana Caetano ao término das férias do verão de 2002.

²¹ CARRAZZONI, André. et al. *Roque Callage, homenagem que lhe presta um grupo de amigos ao comemorar-se o primeiro aniversário de sua morte*. Porto Alegre: Globo, 1932, p. 5.

F85.19
Pl

É confirmada a admiração dos amigos a Roque Callage. Isso comprova o quanto Callage significou para a sociedade sulina em geral.

Produção jornalística Callagiana

Foram selecionados para uma sucinta análise, os seguintes artigos escritos por Roque Callage: para uma sucinta análise: *Aspectos praianos / Rio Grande – O Casino, Sobre a costa oceanica – impressões e flagrantes da cidade de Rio Grande; Em pouca água... – aspectos e impressões de nossa via fluvial; Nossa terra / Santa Cruz – aspectos da sua vida urbana e da sua vida rural*. Todos estes trabalhos foram publicados no mês de fevereiro, no ano de 1931, no jornal “Correio do Povo” de Porto Alegre.

A ampla aceitação e o apreço das crônicas de Callage, provêm de sua excelente apresentação todos seus trabalhos jornalísticos se mostram bem estruturados, com lógica de um silogismo e unidade de assunto temática.

Nos textos selecionados, encontra-se um autor diferente, em alguns aspectos, daquele citado anteriormente. Roque Callage conserva na crônica jornalística a linguagem acessível que o caracteriza, entretanto, aquele vocabulário “tradicionalista”, característico do sul, não é localizado nos textos em destaque.

O autor conserva um traço peculiar descritivista, que sempre foi marcante na prosa, como se pode constatar pela citação a seguir, a qual relata as suas impressões sobre a cidade de Rio Grande:

*Tudo parado agora. Nenhuma embarcação. Desapareceram os vapores de grande calado, os transatlânticos e os navios cargueiros de todas as nacionalidades. E, em razão disso cessou quase que por completo o serviço de carga e descarga nos armazens.*²²

²² Correio do Povo, 26/02/1931

Dentro dessa perspectiva, cabe se fazer uma analogia com a obra *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, tal obra disserta sobre a Guerra de Canudos, ocorrida entre 1896 e 1897, sendo um dos conflitos mais violentos da história brasileira, ocasionando a morte de 15 mil pessoas, entre sertanejos e militares. Uma vez que a trajetória deste também se assemelha a Callage, ou seja, ambos correspondentes de batalhas, embora estas tenham tido conotações diferenciadas. Sendo a primeira um movimento messiânico e a segunda, a revolução de 23.

A produção literária de Roque é intensa, pois em 1924, publicou o livro *Rincão*. Essa produção contém ainda páginas que recordam a trágica epopéia revolucionária de 23, mas possui também traços e semelhanças com seu segundo livro *Terra Gaúcha*.

No ano de 1925, foi criado em Porto Alegre o jornal "*Diário de Notícias*". Roque passou a assinar a coluna chamada *A Cidade*, com sugestões e críticas sobre a urbanização de Porto Alegre.

Como amante apaixonado do Rio Grande do Sul, Roque produz uma obra extremamente importante para a literatura rio-grandense, *Vocabulário Gaúcho* (1926), onde constam termos e expressões sulinas.

Em 1927, publica *Quero-Quero* como sempre com narrativas envolventes e encantadoras sobre o pampa. A seguir com uma diferença aproximada de dois anos, celebra-nos com uma de suas melhores obras *No Fogão Gaúcho*, que traz uma coletânea de ensaios. Sobre este livro, Spalding afirma que "*o historiador, o sociólogo e o folclorista se encontram*".¹⁸

Em 1930, já doente pelo mal que viria a lhe vitimar, Roque continua trabalhando intensamente nos meios de comunicação, e deixou sua última produção literária para o povo rio-grande *Episódios da Revolução*, obra que aborda a Revolução de outubro de 1930, onde é deposta a República Velha.

O Rio Grande não seria o mesmo a partir do ano de 1931, mais precisamente a 23 de maio, quando a tuberculose pulmonar, o vitimou. Roque Callage foi para longe da

¹⁸ SPALDING, Walter. Os construtores do Rio Grande. Vol. 2. Porto Alegre: Sulina, 1969. , p. 251.

FLS. 15
R

Agora estabelecido em Porto Alegre, passou a fazer parte da redação do jornal "*Correio do Povo*". Roque fora sempre um homem sedento de conhecimento, assim passa a percorrer o Rio Grande do Sul em viagens de estudo, como jornalista e conferencista, preenchendo o anseio de desvendar profundamente a terra e o homem gaúcho, isso o auxiliaria em seus propósitos literários. Entretanto, tais atividades não proporcionavam ao autor e sua família uma renda satisfatória, como pode ser comprovado pelo trecho abaixo declarado pelo único filho, ainda vivo, Carlos Orestes Callage:

*"Pobre como rato de igreja", meu paicostumava viajar por todo o Estado para pronunciar Conferências nos clubes sociais,(...) o tema das "palestras" era de natureza cultural, e o meu pai, de improviso, abordava a estética na obra de Dante Alighieri, ou ainda, a personalidade de Euclydes da Cunha..."*¹³

No ano de 1920, o autor assina mais duas obras *Crônicas e Contos*, que reúne antigas produções e *Terra Natal*, que relata suas visitas ao interior do Rio Grande.

Em 1922, como fora citado em capítulo anterior, Borges de Medeiros resolve candidatar-se mais uma vez ao Governo do Estado, só não contava com forças opositoras. Tais forças tinham a sua frente Assis Brasil. Agora, o Rio Grande do Sul divide-se entre "Assisistas" e "Borgistas".

O clima no Estado não era nada calmo, por conta disso, Roque foi preso no Café A Barrosa, em Porto Alegre. Este estabelecimento era considerado o "*QG dos revolucionários, os assisistas. Borgista ali não entrava*", como salienta Walter Spalding¹⁴. Mas foi solto, logo depois, por nada ter sido constatado contra Callage.

Indignado com tais acontecimentos, o autor junta-se aos revolucionários assisistas partindo para o confronto da revolução como enviado do correio do povo. Deste fato nasce mais um dos livros de Roque *O Drama das Coxilhas* (1923); sobre esta obra, seu filho Carlos O. Callage confirma:

¹³ Trecho da carta enviada a autora desta monografia Veridiana Caetano ao término das férias de verão de 2002.

¹⁴ SPALDING, Walter. Construtores do Rio Grande. Vol. 2. Porto Alegre: Sulina, 1969. p. 251.

FL. 20
P

Em dois dos artigos selecionados *Aspectos praianos / Rio Grande – O Casino*; e *Sobre a costa oceanica – impressões e flagrantes da cidade de Rio Grande*, nota-se um tom de admiração e simpatia do autor tanto pela cidade de Rio Grande, quanto pelos rio-grandinos, talvez isso aconteça por ter exercido uma atividade educacional neste município, a de Inspetor Federal, junto ao Colégio Lemos Júnior, o que lhe exigia visitas periódicas à cidade. Constatase, a seguir, o tom carinhoso e amável de Callage:

*Gente boa. Gente amavel. Gente sem vaidades, sem artificios, sem a menor affectação. Por todas as ruas ha vida, ha animação, hatrabalho.*²³

Com o objetivo de analisar o perfil intelectual do autor no artigo *Sobre a costa oceanica*, salienta-se que este explicita um discurso que lhe confere um posicionamento bastante crítico, na medida em que tece comentários sobre a sociedade citadina, a política e a economia de Rio Grande. Essas são expressões justificadas pela fraca movimentação portuária da cidade. Da mesma forma, ao analisar a situação do incipiente operariado rio-grandino, considerado por ele como vivenciando um período de transformações positivas, concorre por contribuir no resgate historiográfico desta cidade num de seus períodos mais expressivos, o qual se refere ao processo acelerado de industrialização. Isso, sem mencionar a tendência poética que acompanha suas idéias, elucidando seu profundo entusiasmo ao escrever.

A respeito de sua crônica *Aspectos praianos / Rio Grande – O Casino*, além da utilização de variados recursos metafóricos para descrever a praia do Cassino, o autor menciona:

*É o communismo dos corpos sem as graves ameaças do Communismo vermelho da sangueira moscovita, certamente sem os perigos de outros communismos aina mais perigosos...*²⁴

²³ Idem. 23.

²⁴ Correio do Povo, 02/1931.



A mais antiga do Estado
ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
CÂMARA MUNICIPAL DO RIO GRANDE
COMISSÃO DE CONSTITUIÇÃO E JUSTIÇA

PARECER

118

PROCESSO..... 374/2004.

Esta Comissão, após apreciar o Projeto, constante do Processo acima enumerado, declara **não haver** impedimento a sua tramitação.

- ☒ INCONSTITUCIONAL
- ☒ ANTIJURÍDICO
- ☒ ANTIREGIMENTAL
- ☒ INADEQUADO A TÉCNICA LEGISLATIVA

Este é o parecer desta Comissão.

Sala das Comissões,

14 de Junho

de 2004

Presidente

Vice-Presidente

Secretário

Membro

Membro

64.21
el

Assim sendo, mais uma vez percebe-se o aprimoramento cultural do autor, principalmente, em seu discurso historicista.

No intuito de evidenciar outras idéias callagianas explora-se a análise referente a sua crônica *Em pouca água... – aspectos e impressões de nossa via fluvial*. Nesta, o autor relata suas impressões a cerca da trajetória de viagem no vapor da Companhia Arnt, o Itália, o qual deslizando pelas águas do Guaíba, na linha do Alto Taquari com destino a Bom Retiro, fornece ao autor um conjunto de visões ambientais interpretadas de maneira poética, como lhe é típico e confirmado abaixo:

*De uma e outra margem do Jacuhy, os quadros se sucedem num deslumbramento de colorido onde o verde vem todas as tonalidades.*²⁵

Interessante mencionar que será nesta crônica que o autor fará referência a um dos temas menos recorrentes em suas obras: a mulher. Sobre esta, a qual faz parte do cenário apresentado na viagem, escreve:

*No alto da barranca houve-se um choro monotono de criança, (...) A mãe, acorada, descobre logo o que deseja a cria de peito, e, com toda a calma de sua maternidade serena arranca de entre a blusa esgarça o seio magro e cahido de cuja teta esguicha o parco elixir consolador.*²⁶

Percebe-se, a partir do exposto, uma discreta ausência de recursos poéticos românticos, quanto à descrição do chamado “sexo frágil”, uma vez que esta figura é retratada sem a simbologia da meiguice e beleza feminina, tão típica da idealização vigente.

Finalizando a análise ressalta-se que o autor, descrevendo o cotidiano gaúcho, tão apreciado, explicita as atividades comerciais e sociais, no momento em que descreve as relações entre mercadores e compradores e a ênfase dada pela população aos preparativos da Festa dos Navegantes, evidenciando assim, aspectos concernentes à conjuntura espaço-temporal da época.

²⁵ Correio do Povo, 5/02/1931.

²⁶ Idem. 26



Ainda sob as percepções de viagem do autor, as quais retratam seu apreço por esta prática, resgata-se o artigo *Nossa terra / Santa Cruz – aspectos da sua vida urbana e da sua vida rural*. Esta viagem retrata sua visita à cidade de Santa Cruz, enfatiza, sobretudo, a Companhia de Fumo Santa Cruz. Vale mencionar que se considerou como importância de seu relato, a evidência das condições que o operariado gaúcho dessa cidade usufruía:

*Observo, com respeito, a ordem que reina em todas As dependências do estabelecimento e exulto por saber que os operarios alem de trabalharem com conforto são cercados de todas as garantias e assistência, mormente em se tratando de accidentes do trabalho.*²⁷

Assim, mais uma vez, ratifica-se a idéia da sugestão callagiana no resgate historiográfico, não só do movimento do operariado rio-grandense, mas de todo o aspecto sócio-econômico e político da época em que apresentou sua obra.

Evidentemente, é lícita a idéia de que Roque Callage se constitui num dos mais importantes veículos de resgate da cultura rio-grandense, o que justifica a escolha desse autor para a análise do presente trabalho.

²⁷ Correio do Povo, 1/02/1931.